

UM NIETZSCHE À BRASILEIRA: INTELLECTUAIS RECEPTORES DO PENSAMENTO NIETZSCHIANO NO BRASIL (1900-1940)

Antonio Vinícius Lomeu Teixeira Barroso¹
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
E-mail: antoniolomeu@hotmail.com

RESUMO

Desde o fim do século XIX, as obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche têm sido objeto de vastas leituras e ponto de partida para se pensar diversos problemas postos pela modernidade. O presente artigo pretende identificar, de forma breve, os primeiros intelectuais receptores das ideias nietzschianas no Brasil até a década de 1940, tecendo uma relação com o contexto cultural e intelectual nacional da referida época. Nesse sentido, pretendemos pensar o fenômeno da recepção e apropriação do pensamento do filósofo atrelado às discussões e debates sobre a questão do moderno no Brasil.

Palavras-chave: Nietzsche, História das ideias e intelectual, Modernismo no Brasil, Recepção de ideias, História da Historiografia.

ABSTRACT

Since the late nineteenth century, the works of the German philosopher Friedrich Nietzsche has been the subject of important readings and starting point for thinking about various issues of the modernity. This article seeks to identify the Nietzschean intellectuals in the Brazil during the first half of the twentieth century, weaving a relationship with the national intellectual and cultural context of that time. Therefore, we intend to consider the phenomenon of appropriation of the philosopher's thought tied to the discussions and debates on the issue of modern Brazil.

Keywords: Nietzsche, History of ideas and intellectual, Modernism in Brazil, Reception ideas, History of Historiography.

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) vem inspirando uma quantidade considerável de intelectuais desde o fim do século XIX. Um dos seus intérpretes mais ilustres, Martin Heidegger, chega a afirmar que todos os que hoje pensam o fazem à luz e à sombra de Nietzsche, seja “a favor” ou “contra ele”. (HEIDEGGER, Martin. 1958.) No entanto, durante seu período de produção literária,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sob a orientação do professor Dr. José Nicolao Julião.

houve pouca leitura de suas obras. É somente após 1890, como assinala o historiador James Joll, que suas ideias se difundirão rapidamente (Cf. JOLL, 1974).

É tarefa árdua tentar resumir, em linhas gerais, as características da filosofia nietzschiana, tendo em vista as nuances de conteúdo e forma que seu pensamento adquire durante sua atividade como escritor. Segundo Oswaldo Giacóia Júnior, um dos maiores estudiosos acadêmicos de Nietzsche no Brasil, o seu pensamento possui três fases distintas, difíceis de conciliar. Para Giacóia, o primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos 1870 e 1876 marcado pelo romantismo alemão. Um segundo momento vai de 1876 a 1882, onde Nietzsche é conhecido pela sua característica de *aufklär* científico sendo seguida pela derradeira fase, iniciada em 1882 e abruptamente interrompida em 1889, que se inicia com o Zaratustra e vai até seus últimos escritos. (GIACÓIA JÚNIOR, 2000.) Durante essas três fases, o filósofo abandona e retoma concepções, aborda diferentes temas e muda de estilo constantemente.

Esse aspecto assistemático, aparentemente paradoxal e ambíguo da filosofia nietzschiana, de modo a tornar impossível classificá-la de forma sintética, contribuirá, em grande medida, para que suas ideias ganhem diferentes contornos e matizes, sendo interpretadas e apropriadas de diferentes formas por uma grande variedade de grupos que perfazem um espectro ideológico que vai da extrema-esquerda a extrema-direita.

Anarquistas, marxistas, modernistas, feministas, católicos, ateus, niilistas, liberais, darwinistas, eugenistas, positivistas, fascistas, todos eles, de alguma forma e em algum momento, se ancoraram no pensamento do filósofo para elaborar e legitimar seus projetos político-filosóficos, sendo prol ou contra suas ideias. Em função de estabelecer uma interdisciplinaridade no seu projeto filosófico, importantes campos das ciências, sobretudo das humanas, tiveram ressonância de suas concepções: a antropologia, sociologia, história, psicanálise e a psicologia são as áreas do conhecimento mais aduladas por essa contribuição.

A recepção do pensamento nietzschiano mundo afora é amplamente estudada e reconhecida. Talvez a mais conhecida de suas implicações esteja relacionada ao nazifascismo.² Trechos de manuscritos do filósofo, através de um trabalho arbitrário de descontextualização, falsificação e mutilação, serviram de respaldo para as práticas pangermanistas e anti-semitas do Partido Nacional Socialista (MONTINARI, 1999, p. 55-

² Apesar de ter servido de base ideológica para os regimes autoritários italiano e alemão, atualmente, um grande número de comentaristas tenta desvencilhar sua filosofia do estigma proto-fascista.

77). Da mesma forma, Mussolini, em suas concepções sobre a necessidade da guerra e do conflito, se fundamenta em uma interpretação das obras nietzschianas (PAXTON, 2007, p. 32-42).

Outra recepção importante está relacionada aos representantes da Escola de Frankfurt – Walter Benjamim, Max Horkheimer e Theodor Adorno – fundada na década de 1920. Os três intelectuais remetem uma interpretação bastante criativa da obra nietzschiana, sobretudo no que se refere à crítica da modernidade mediante ao questionamento feito à racionalidade técnica e aos pressupostos do Iluminismo.

É a partir da década de 1960, no entanto, que se verifica uma das mais “prolíficas” leituras de Nietzsche. A geração francesa de intelectuais como, por exemplo, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, inicia um movimento que será denominado posteriormente de pós-modernismo. Jean-François Lyotard deu uma famosa definição de pós-moderno como sendo a “incredulidade em relação às metanarrativas”. (Cf. LYOTARD, 2002). Um exemplo das grandes narrativas presentes no discurso moderno, segundo Lyotard, seriam o Iluminismo, o idealismo e o marxismo.

No Brasil, o impacto das obras de Nietzsche ainda é praticamente desconhecido pela historiografia brasileira. Pode-se afirmar que as primeiras leituras, em linhas gerais, começam a ser percebidas a partir da primeira década do século XX em intelectuais como Graça Aranha, João Ribeiro e José Veríssimo. Na década de 1920 há uma importante leitura feita pelos modernistas e católicos. Posteriormente, os intelectuais do integralismo fazem uma apropriação ideológica de caráter nacionalista e, ao longo do século, vai inspirar movimentos estéticos como a tropicália, e, sobretudo, a literatura nacional. A partir da década de 80 e 90, o filósofo começará a ser objeto de estudo da academia e hoje aparece como tema de um grande número de dissertações e teses defendidas nas universidades do país além de estar presente em revistas de grande público e citações em filmes.

O presente artigo pretende identificar, de forma breve, os primeiros intelectuais receptores das ideias do filósofo Friedrich Nietzsche no Brasil da primeira metade do século XX, através de obras e artigos publicados no período. Tal recorte foi escolhido, pois visa abranger e confrontar os primeiros intelectuais brasileiros cujas ideias nietzschianas tiveram grande repercussão, a saber, os anarquistas, integralistas, católicos e modernistas. É importante ressaltar que a recepção das ideias nietzschianas nesse período ainda é, em certa medida, pouco estudada e até alvo de pouco interesse,

pois se julga que essas primeiras compreensões do pensamento nietzschiano se deram de forma arbitrária, informal e confusa. A despeito disso, nos interessa aqui compreender como essa importação de ideias está intimamente relacionada à tentativa de se pensar o “moderno” no país e de que maneira os conceitos nietzschianos serviam-nos como “caixa - de ferramentas” para pensar a realidade nacional. O nosso objetivo não consiste em fazer um julgamento da forma como as ideias foram deslocadas para diferentes fins ou meios, isto é, se houve uma má compreensão ou até mesmo uma incompreensão dessas idéias, senão em pensar o consumo cultural ou intelectual como uma produção de representações que nunca são idênticas às do autor ou artista. Portanto, é indispensável entender o campo intelectual e lugar social, isto é, o contexto que esses autores brasileiros estavam inseridos para melhor entender como os mesmos se utilizaram de uma forma *suis generis* dos conceitos formulados por Nietzsche para se pensar a realidade nacional.

Recepção de ideias no Brasil: Uma discussão historiográfica

Há alguns trabalhos que se dedicam a examinar a forma como as ideias de Nietzsche foram transmitidas e recebidas em países europeus como, por exemplo, Espanha, Portugal, Inglaterra, Suécia, Itália, França e Rússia (Cf. MONTEIRO, 1997). No entanto, a chegada e difusão das ideias nietzschianas na América do Sul e, sobretudo, no Brasil foram objeto de pouco interesse, principalmente por parte dos historiadores.

O único esforço de analisar especificamente a recepção do filósofo alemão no Brasil de uma maneira extensiva é um artigo breve da filósofa Scarllet Marton. De acordo com a autora brasileira, os primeiros sinais dessa recepção surgem com os anarquistas espanhóis no fim do século passado e, posteriormente, suas ideias são apropriadas pela extrema direita (MARTON, 2000). No entanto, a autora não examina os mecanismos sociais desse processo, apenas se preocupa em identificar vagamente alguns movimentos inspirados pela filosofia nietzschiana, mas não cita, de maneira específica, algum intelectual ou artista brasileiro. Além disso, Marton negligencia a análise da forma como se deu essa apropriação e em que contextos históricos foram possíveis essas interpretações brasileiras.³

³ Essa crítica ao trabalho de Marton deve ser justificada, pois a filósofa, pela natureza de sua formação, possui preocupações e métodos diferentes dos historiadores. Em primeiro lugar, o filósofo, ao praticar uma história das

De acordo com outro estudioso brasileiro de Nietzsche, Oswaldo Giacóia Jr, professor do departamento de filosofia da UNICAMP: “a recepção de Nietzsche no Brasil permanece um capítulo não escrito de nossa história das ideias filosóficas” (GIACÓIA JR. 2000, p. 77) e para Scarlett Marton, de modo geral, “são ainda raros os trabalhos sobre a recepção das ideias filosóficas no Brasil” (MARTON, 2000, p.23). No campo da historiografia, há um agravante que dificultaria ainda mais a recepção das ideias como chama atenção o historiador Francisco Falcon. Segundo ele não há, entre nós brasileiros, uma verdadeira tradição historiográfica na história das ideias e intelectual. José Murilo de Carvalho, na mesma direção, destaca que “é preciso reconhecer que ainda há pouca problematização na prática da história intelectual no Brasil. As incorporações de novas abordagens têm sido feitas de maneira um tanto informal e fragmentada.” (CARVALHO, 1998, p. 126).

Nesse sentido, a historiografia clássica das ideias seguiu, no âmbito teórico, dois caminhos básicos. O primeiro se subdivide entre os que expõem o pensamento de cada pensador isoladamente e os que tentam estabelecer conexões entre os autores para designar um grupo ou família intelectual. Como consequência dessa linha interpretativa, a autoria acaba sendo considerada o determinante principal do texto e a recepção é tratada em termos de influência. (PAIM, 1967, CRIPPA, 1978, CHACON, 1977, SALDANHA, 1963, CRUZ COSTA, 1956.) Já o segundo tipo, apesar de estar ancorado em concepções metodológicas mais sofisticadas, confere demasiada ênfase ao contexto, geralmente entendido como modo de produção ou classes sociais, sobre o pensamento ou pensador (SCHWARZ, 1976, FRANCO, 1976, pp. 61-64.).

Podemos perceber, portanto, a escassez de trabalhos que se debruçam sobre o movimento de ideias no Brasil, sobretudo no que se refere ao filósofo supracitado e, quando fazem, operam com conceitos como *influência* que não nos auxilia muito na compreensão do fenômeno de difusão de ideias, já que atribui um papel passivo ao receptor.

Dado problema, alguns trabalhos recentes merecem ser destacados como inovadores do ponto de vista teórico-metodológico na abordagem da história das ideias.

ideias, quase sempre se preocupa em fazer um juízo de valor no sentido de explicar como as ideias de um determinado autor foram deturpadas, deformadas, mal-assimiladas ou incompreendidas por outros autores. Em segundo lugar, os filósofos, grosso modo, negligenciam o contexto social vividos por esses autores, e por isso, não procuram analisar um discurso, obra ou sistema de ideias pelas conexões e enraizamentos externos, limitando-se a uma leitura interna, ou seja, uma leitura amarrada nos limites do texto. Cf. BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Lingüísticas, pág. 150

A tese de doutorado da socióloga Ângela Alonso, *Idéias em Movimento*, serve como um bom exemplo da nova historiografia das ideias. A autora atribui um papel ativo aos intelectuais brasileiros da geração de 1870 no processo de escolha e leitura das correntes filosóficas estrangeiras, pois não podem ser analisadas como descoladas do papel prático da ação política. O contexto linguístico político brasileiro, portanto, é destacado como um fator importante para se compreender a recepção de ideias, porém não de forma determinista. A autora afirma que as idéias nietzschianas são preteridas no momento de crise do império, não porque os intelectuais brasileiros eram ignorantes, mas por serem inúteis aos seus projetos políticos (ALONSO, 2000, p. 34). Dessa maneira, ao abordar a tradição nacional e o repertório estrangeiro como apropriações seletivas resultantes de um processo onde a supressão, modificação e recriação são indispensáveis, Alonso inverte a perspectiva que enxerga a intelectualidade brasileira como meras filiações às similares europeias.

Questões teóricas acerca da história das ideias e da recepção

Embora o presente artigo não tenha como objetivo analisar o processo de recepção de ideias de forma mais aprofundada utilizando diretamente, para isso, instrumentos teórico-conceituais, consideramos relevante citar algumas correntes da nova historiografia da história das ideias que inspiraram e sugeriram abordagens para o nosso estudo. Examinar como se desenvolveu a recepção e a transmissão das ideias de Nietzsche no Brasil é refletir sobre a maneira como seu pensamento, suas obras e o seu mito foram apropriados por diferentes correntes intelectuais no início do século XX. Nesse sentido, é importante identificar os aspectos que condicionaram essa recepção sem, contudo, desconsiderar o seu papel ativo que não se inclina a uma mera influência. Para tal intento, nos inspiramos nas perspectivas de certas correntes historiográficas que nos permitem uma apreciação mais ampliada e complexa da história dessa recepção. Entre essas correntes destacamos Roger Chartier como representante da quarta geração da Escola dos Annales e John Pocock como representante da escola de Cambridge.

Roger Chartier, em sua obra “História Cultural: entre práticas e representações” nos oferece o conceito de *apropriação* como uma forma de se investigar a história do ato de ler como invenção criadora. (CHARTIER, 2002 p. 136). Tal conceito é de fundamental

importância para se considerar o papel ativo dos pensadores brasileiros em relação às práticas de leitura e interpretação das ideias nietzschianas. Segundo Chartier é necessário examinar os “processos pelos quais, em face de um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação” (CHARTIER, 2001, Pg. 13). Por conseguinte, Chartier deseja romper com a perspectiva que considera os textos e as palavras como algo “radicalmente aculturante”, na medida em que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. Contra essa perspectiva, que encontra sua síntese máxima na noção de *influência*, largamente empregada na história das ideias, utilizaremos o conceito de *apropriação*, pois desejamos conferir um caráter criativo e inventivo dos intelectuais brasileiros diante da obra do filósofo alemão, sem desembocar, com isso, na ingenuidade de se pensar uma total liberdade da leitura. Segundo Chartier:

Contra uma visão simplista que supõe a servidão dos leitores quanto às mensagens inculcadas lembra-se que recepção é criação, e o consumo, produção. No entanto, contra a perspectiva que postula a absoluta liberdade dos indivíduos e a força de uma imaginação sem limites, lembra-se que toda criação está encerrada nas condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais. (CHARTIER, 2001, Pg. 13).

O *contextualismo linguístico* da escola de Cambridge, mais especificamente as ponderações teóricas de John Pocock, nos oferece uma perspectiva bastante interessante para se pensar a circulação de ideias, sua conexão com o meio político-social e, por consequência, a recepção. De acordo com Pocock, a história do pensamento só é pensada em termos estritamente históricos quando há uma história do discurso, ou seja, a partir do momento em que a historiografia passa a analisar linguisticamente determinado contexto, onde os autores são vistos como atores. Ao trabalhar com os conceitos de *langue* e *parole*, contexto e ação, percebendo, sobretudo, como a *parole* age sobre a *langue*, Pocock nos fornece instrumentos úteis para se pensar a chegada de novas ideias em um determinado contexto.⁴

Um trabalho na historiografia brasileira inspirado nos pressupostos da escola de Cambridge, já mencionado, é o próprio esquema teórico utilizado pela socióloga Ângela Alonso cujo esforço consiste em conectar as ideias aos projetos políticos, ou seja, teoria e prática, uma vez que, nesse período, o campo intelectual e político brasileiros não

⁴ Quando Pocock afirma que o historiador deve ver a filosofia e a ação mais como coexistentes do que como coisas separáveis, ele estabelece um vínculo fundamental para se pensar autor como ator.

podem ser de forma alguma separados. Apostamos na noção de “repertório” que a autora toma emprestada de Charles Tilly para se entender o ambiente intelectual da época, juntamente com as discussões e projetos políticos em efervescência.

Tendo em vista que o artigo propõe uma breve identificação de intelectuais brasileiros receptores de Nietzsche traçando apontamentos de interpretações feitas pelos mesmos, sobretudo em suas obras, não será empreendida uma aplicação aprofundada e pormenorizada dos conceitos e preceitos teóricos da nova história intelectual e das ideias. Esses autores foram trazidos à baila com o intuito principal de destacar e valorizar duas questões principais na nossa compreensão da recepção de ideias no Brasil. Primeiro, os leitores brasileiros de Nietzsche precisam ser vistos como apropriadores de textos, ou seja, não apenas como influenciados passivamente pelo pensamento do filósofo alemão ou imitadores de correntes europeias. Segundo, para a ampla compreensão do próprio fenômeno de apropriação de ideias é necessário que se entenda as questões discutidas no contexto linguístico da época examinada, para que o sentido dessa invocação de Nietzsche seja entendido de forma mais clara.

Fin de Siécle e Belle Époque no Brasil: uma breve reconstrução do contexto intelectual brasileiro

À medida que o século XX se aproxima, o advento da modernidade passa a incitar sentimentos ambíguos entre a intelectualidade brasileira, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, polos irradiadores de moda, costumes e tendências de pensamento. Velocidade, progresso, rapidez e civilização eram lemas latentes numa atmosfera impregnada de uma visão otimista de mundo, cujas novidades e invenções, trazidas pela ciência, embalavam grande confiança e utopia no domínio cada vez maior sobre a natureza e os homens. Por outro lado, havia uma grande insegurança e dúvida em relação aos possíveis ônus gerados pelo desenvolvimento científico e pelas vertiginosas mudanças (Cf. COSTA & SCHWARCZ, 2007). Uma das maiores representações desse sentimento dúbio em relação ao porvir pode ser verificada na seguinte passagem de uma crônica de Machado de Assis publicada em 1892, no *Gazeta de Notícias*:

Todas as *cousas* tem sua filosofia. Se os *dous* anciãos que o *bond* elétrico atirou para a eternidade essa semana houvessem feito por si mesmos o que lhes fez o

bond, não teriam entestado com o progresso que os eliminou. É duro de dizer; duro e ingênuo [...] mas é verdade. Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negarem a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?...(ASSIS, 1994, p. 553)

Indissociavelmente das discussões sobre as desvantagens e vantagens do progresso no *Fin-de Siécle* configura-se outro debate importante entre os intelectuais nacionais: a questão do papel da cultura brasileira no mundo moderno e o debate acerca da identidade cultural nacional. Como absorver as vanguardas europeias preservando a “brasilidade”? Como manter as tradições e as raízes culturais sem perder de vista os inegáveis avanços trazidos pelo mundo moderno?

Concomitantemente, o debate estético no contexto da modernização do Brasil, também se coloca como fundamental para se pensar nossa conjuntura. O projeto de urbanização, civilização e modernização na Primeira República não se limitava ao progresso científico e material, mas passava também pelo âmbito da estética (literatura, arte e pensamento). Era indispensável ao “homem novo”, provido de subjetividade, razão, sensibilidade e poder de criação, a assimilação de um conjunto de atitudes e práticas intelectuais consideradas modernas. O lema “reconciliar a arte com a vida”, muito difundido na Europa, passa a ser uma convicção entre os intelectuais brasileiros. (FLORES, 2011, p.118)

Outro aspecto relevante do panorama de ideias no Brasil está presente no discurso higienista e eugenista que começa a crescer no início do século XX, sobretudo na década de 1920. De acordo com Lilia Schwarcz, o pensamento social biológico ganha força na medida em que a sociedade era tratada como um hospital onde se esperava a passividade absoluta. Nesse período as teorias evolucionistas, deterministas raciais e darwinistas sociais vão se constituir como paradigma entre grande parte dos intelectuais brasileiros, se desdobrando, em alguns casos, em políticas públicas orientadas por essas tendências de pensamento – as noções de modernidade e civilização, nesse período, estavam carregadas de um teor positivista e evolucionista.

De acordo com Ângela de Castro Gomes é importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que há um paradigma científicista e evolucionista, se configura entre os intelectuais brasileiros, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, um marcante ecletismo e autodidatismo numa atmosfera de tendência simbolista e espiritualista. A

heterogeneidade de concepções sobre o que seria moderno ou quais os meios para se alcançar a modernidade marcaria, grosso modo, o campo intelectual brasileiro do período (GOMES, 2004, p. 80-106).

Mediante essa conjuntura, ideias europeias começam a ser importadas a fim de tentar entender, criticar ou saudar transformações ocorridas no início do século. Dentre os filósofos e pensadores que auxiliam na compreensão da modernidade e a pensar a conjuntura nacional a partir de novas perspectivas, Friedrich Nietzsche vai ser uma das principais referências.

Primeiros Sinais da Recepção do Pensamento Nietzscheano entre a Intelectualidade Brasileira

Acreditamos que uma importante apropriação do pensamento nietzscheano no Brasil, já pode ser percebida a partir das primeiras décadas do século XX e isso se revela nas obras produzidas no período, assim como em artigos de jornais e revistas.

De acordo com nosso mapeamento de fontes, pudemos notar diversas citações à Nietzsche entre alguns intelectuais do pensamento social brasileiro desde o início do século passado. Em um artigo do Correio da Manhã de 1903, José Veríssimo faz uma divulgação introdutória sobre o pensamento nietzscheano e, posteriormente, João Ribeiro e Araripe Júnior, publicam uma série de estudos sobre o filósofo no Almanaque Garnier, em 1904. Veríssimo publicou também, em 1907, dois ensaios introdutórios: “Um ideal de cultura: Sobre uma página de Nietzsche” onde o jornalista brasileiro comenta uma tradução francesa das *Considerações Inatuais* publicada pela *Mercure de France* em 1907 e “Retórica de Nietzsche” no qual quatro obras em torno do filósofo alemão são comentadas – *En Lisant Nietzsche* de Émile Faguet, *Pages Choises de Frédéric Nietzsche* de Henri Albert, *Friedrich Nietzsche* de Henri Lichtenberger e *Friedrich Nietzsche* de Eugène de Roberty.

É interessante chamar atenção para a leitura que Veríssimo fez de Nietzsche através de seus comentadores franceses e de uma obra do filósofo traduzida para o francês, pois isso revela a forte característica francófila entre os intelectuais brasileiros. Podemos perceber, portanto, que houve uma recepção indireta das obras do filósofo nesse primeiro momento, através de traduções e comentadores franceses. Esses primeiros textos introdutórios do pensamento do filósofo possuem um importante

caráter de divulgação e apresentação da obra nietzschiana na medida em que Veríssimo possuía um papel de destaque entre os intelectuais do Rio de Janeiro naquele momento. O jornalista escreveu artigos em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro como o *Jornal do Comércio*, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, nas revistas *Kosmos*, *Renascença* e *Revista Brasileira*, divulgando o pensamento não só de Nietzsche, mas de estrangeiros que considerava importante para a renovação da cultura nacional. Veríssimo ainda teve um papel bastante relevante na criação da Academia Brasileira de Letras, sendo o fundador da cadeira número dezoito⁵.

Na obra “Canaã”, publicada também em 1902, Graça Aranha recorre ao irracionalismo de Nietzsche para preencher de conteúdo a fala de seus personagens (SILVA, 2008, CONSENTINO, 2003). Mais tarde, em sua obra *A Estética da Vida* de 1921, Graça Aranha busca reelaborar a questão de uma proposta estética brasileira através da filosofia e da própria arte. A teorização de uma estética mais ajustada às necessidades da vida moderna foi um dos grandes temas abordados por Graça Aranha em sua obra. Sua participação na formulação das primeiras propostas do movimento modernista ficou evidente ao pronunciar o texto *A Emoção Estética na Arte Moderna*, defendendo uma arte, uma poesia e uma música novas, com algo do “Espírito Novo”. Essa estetização da vida percorrida por Graça Aranha é um tema central trabalhado por Nietzsche, sobretudo, em *O Nascimento da Tragédia*. A hipótese da leitura das obras de Nietzsche por Graça Aranha se torna mais consistente em função de cartas trocadas entre ele e Veríssimo, onde se verifica uma relação intelectual bastante próxima entre os dois⁶.

Monteiro Lobato, em carta a Godofredo Rangel já em 1904, manifesta grande admiração pelo filósofo ao afirmar: “Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna e o que vai exercer maior influência. Nietzsche é o nosso primeiro ponto de referência”.

Outro autor importante da literatura nacional, Lima Barreto, explicitará suas leituras de Nietzsche:

Compete-me dizer afinal ao festejado articulista que o Zaratustra do Nietzsche, dizia que o homem é uma corda estendida entre, o animal e o super-humano – uma corda sobre um abismo. Perigoso era atravessá-la; perigoso, ficar no

⁵ É importante destacar que a fundação da Academia Brasileira de Letras seguia claramente os moldes da Academia Francesa e sua criação pode também ser vista como parte do projeto de modernização e civilização pelo qual o país passava na Primeira República.

⁶ Carta a José Veríssimo, 1902 Disponível em http://143.107.31.231/Acervo_Imagens/Revista/REV002/Media/REV02-20.pdf

caminho; perigoso, olhar para trás. Cito de cor, mas creio que sem falsear o pensamento. (LIMA BARRETO, 1956, p. 105.)

Corroborando a leitura que Lima Barreto realiza, a teórica literária Carmem Lúcia de Figueiredo afirma que:

(...) sem apupos ou aplausos, Lima Barreto realiza um diálogo tenso e crítico com o autor de Assim falava Zaratustra. A composição de personagens, a demonstração de domínio das categorias importantes do pensamento, as citações de obras significativas e o registro de detalhada cronologia de sua publicação evidenciam a interlocução com Nietzsche (FIGUEIREDO, 2004 p. 159).

As leituras de Lima Barreto foram feitas no mesmo livro resenhado por Veríssimo, *Pages Choises*, de Henri Albert, o que corrobora seu papel importante na divulgação de Nietzsche entre os intelectuais do período (ANTELO, 1998, p. 84). Em seus *Diários Íntimos* essa leitura fica nítida quando Lima Barreto faz referência ao homem como um “tolo que dança sobre o abismo”. (LIMA BARRETO, 1953, p. 58).

Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra “Raízes do Brasil”, ao definir o “homem cordial” brasileiro, parte de uma concepção nietzschiana exposta em “Assim Falou Zaratustra”. Para Holanda:

No "homem cordial", a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro - como bom americano - tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: "Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativoiro" (HOLANDA, 2000, p. 147).

Para Sérgio Buarque, o homem cordial brasileiro é caracterizado, sobretudo, pela incapacidade de fazer promessas. Suas palavras e ações são apenas o transbordamento dos sentimentos advindos diretamente do coração desprovido de qualquer intermediação de regras ou de um princípio interiorizado. Em outras palavras, podemos dizer que esse homem é puro esquecimento, o que lhe confere força, jovialidade e presente (WEGNER, 1999, p. 178). Essa visão do homem cordial foi duramente combatida pelos integralistas, que também se apropriaram de Nietzsche. Para os membros do integralismo, essa noção desvirilizava o brasileiro, pois o tornava submisso

aos impulsos emocionais. A obra *Raízes do Brasil* ocupa um importante lugar no meio intelectual da época na medida em que, grosso modo, buscava uma identidade cultural moderna brasileira através do distanciamento da tradição intelectual ibérica se utilizando, para tanto, de referenciais teóricos alemães, sobretudo de Nietzsche, Oswald Spengler e Max Weber.

Apesar de nutrir ainda algum saudosismo pela cultura portuguesa, o sociólogo e historiador pernambucano Gilberto Freyre Gilberto Freyre, na mesma direção que Sérgio Buarque, também buscará referências estrangeiras em sua formação intelectual, principalmente aquelas de tradição anglo-saxã e germânica. No ano 1923, em um artigo do *Diário de Pernambuco*, Freyre se refere à Nietzsche como um autor que “põe nossas convicções pelo avesso em duras provas de resistência” (Cf. FREYRE, 1923). Anos mais tarde, o autor utiliza a dualidade do “apolíneo e dionisíaco”, amplamente discutida pelo filósofo alemão em o Nascimento da Tragédia, como instrumento sociológico de compreensão do futebol brasileiro. Segundo o sociólogo:

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência - menos na defesa que no ataque - ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha (FREYRE, 1938).

Um dos elementos culturais constitutivos de nossa identidade nacional, o futebol, passa a ser analisado por estudiosos a partir das primeiras décadas do século passado. Gilberto Freyre, em seu exame, faz uma distinção entre futebol europeu e o brasileiro. O primeiro, para o sociólogo, seria dionisíaco, ou seja, improvisado, surpreendente e

artístico, que contrastava com estilo apolíneo europeu, especialmente inglês, mais geométrico, padronizado, uniformizado.

Ivan Maia de Mello, em um breve artigo, caracteriza a antropofagia apresentada por Oswald de Andrade no Manifesto Antropofágico, desenvolvida mais tarde como uma concepção filosófica, como filosofia trágica nietzschiana. Citando uma passagem de Benedito Nunes, Maia afirma que “a atitude antropofágica, firmada no Manifesto de 1928, sofreu em *A Crise da Filosofia Messiânica*, uma forte influência do esteticismo nietzschiano”.

O anarquismo brasileiro sofreu também forte ressonância das ideias de Nietzsche. A filósofa Scarlett Martton afirma que no início do século XX, vários contos e romances de teor anarquista, demonstravam essa influência. De acordo com Antonio Candido, Elísio de Carvalho, representante do movimento anarquista brasileiro no início do século XX, fez uma leitura aristocrática e individualista do filósofo alemão. Otávio Brandão, outro intelectual anarquista, confessa suas leituras de Nietzsche já na década de 1910. No jornal *A Voz do Trabalhador* publicado no ano de 1909 do editor Neno Vasco, os livros *Assim Falou Zaratustra* e *Genealogia da Moral* aparecem como leituras sugeridas pelo próprio periódico (MOSCOSO, 1909). Na década de 1920, o *hino libertário*, composição de Otávio Brandão, faz referência à Nietzsche como “espírito que lampeja” (RODRIGUES, 1997, p. 167).

Entre os intelectuais católicos, os advogados Jackson Figueiredo e Octavio de Faria foram leitores atentos das obras de Nietzsche – Figueiredo, com seu combate niilista ao racionalismo, à modernidade e à democracia, em suas obras “Xavier Marques” de 1913 e “Crepúsculo Interior” de 1918, e Faria em sua tese de bacharel em Direito intitulada “A Desordem do Mundo Moderno” de 1930. Ambos intelectuais fizeram parte da organização da revista de orientação católica “A Ordem” e, em linhas gerais, se utilizam das ideias nietzschianas a fim de difundirem perspectivas pessimistas sobre o processo de modernização brasileiro.

No Integralismo, Plínio Salgado possui uma leitura ambígua de Nietzsche. Podemos constatar muitas referências explícitas ao filósofo, porém sempre de caráter ambivalente, transitando entre a condenação recriminatória e a admiração. Apesar de não se preocupar com referências bibliográficas, Plínio Salgado cita as figuras de Zaratustra e do Super-Homem, concordando com sua perspectiva decadentista do

mundo moderno e superhumanista, mas, ao mesmo tempo condenando seu anti-cristianismo. Salgado chega a afirmar:

E Nietzsche é a grande lente de aumento, na hora em que o homem começa a perder a estatura moral e a desaparecer escravizado na massa. Eis porque hoje verificamos que Nietzsche foi também um trecho de verdade, deturpada pelas projeções exageradas com que se apresentou (SALGADO, 1934, p.100).

Ao combater o coletivismo, anulador da personalidade humana, e os princípios egoístas da democracia liberal, Plínio Salgado revela uma grande afinidade com o pensamento nietzschiano.

Podemos destacar outros intelectuais que tiveram menor expressão no cenário nacional como Tobias Barreto, Nestor Víctor, Rocha Pombo, João do Rio, Renato Kehl, Farias Brito, J. A. Nogueira, Emanuel Brandão, Almáquio Diniz, entre outros (MARTINS, 1977-1978).

Considerações finais: pensar o moderno a partir de paradigmas modernos

Mas, afinal, o que levou os intelectuais nacionais a voltarem suas atenções para o filósofo alemão? Acreditamos que um dos motivos principais consiste na hipótese de que Nietzsche foi lido e utilizado para romper com as vertentes teóricas e interpretativas tradicionais da realidade brasileira. Nesse sentido, o pensamento nietzschiano, provavelmente, foi invocado pelos intelectuais brasileiros com o objetivo de ajudar na reflexão acerca dos problemas e questões socioculturais que surgiam com o advento da República.

Ao mesmo tempo em que servia como crítico da modernidade, o filósofo alemão também foi lido como um pensador que propunha uma nova cultura pautada em valores considerados modernos. Podemos supor, portanto, que Nietzsche foi lido, principalmente, para se pensar a questão do moderno no Brasil. De acordo com Vera Lins, esses intelectuais da Primeira República “constroem uma cena cultural afinada com a europeia de 1903 onde se lê Wagner, Nietzsche e Schopenhauer”. Segundo a autora, que analisa a construção do moderno em revistas cariocas do início do século XX, esses autores começam a ser úteis num momento de acolhimento à modernização e à

industrialização, mas sem entusiasmos futuristas reticentes às transformações. (LINS, OLIVEIRA, VELOSO, 2010). A leitura de Nietzsche, portanto, interessava tanto àqueles que faziam apologia da modernização, discurso bastante evidente entre os modernistas, quanto como uma forma de crítica às transformações trazidas pela modernidade, presente, sobretudo, no projeto intelectual católico.

Sabemos que anarquistas, integralistas, modernistas e católicos possuíam visões bem divergentes em relação às questões socioculturais naquele momento. Podemos concluir que no Brasil, Nietzsche inspirou grupos ideológicos bastante diferentes e até antagônicos, em um momento em que vários projetos políticos estavam em disputa. A indefinição e o receio sobre o futuro da recém-inaugurada República serviram de estímulo para que muitos grupos, sobretudo no eixo Rio-São Paulo, manifestassem diversas concepções acerca do qual seria o modelo de sociedade adequado e qual concepção de moderno era o ideal a ser seguido. Esse efervescente contexto promove uma procura intensa por novos paradigmas de pensamento que se distanciassem das antigas interpretações e perspectivas tradicionais que se apresentavam até então.

Em um momento onde ainda não havia se institucionalizado as leituras acadêmicas, prevalecendo o instinto autodidata, o pensamento nietzschiano vai ser apropriado de forma ativa, inventiva, fecunda e, sobretudo, livre por esses intelectuais ávidos por dar respostas aos fenômenos que viam à sua frente e ansiosos por construir uma nova identidade ao pensamento social brasileiro.

Recebido em: 06/05/2013

Aceito em: 09/08/2013

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela, *Ideias em Movimento*, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2000.
- ALVES FILHO, Aluizio. *Nietzsche e Lobato*. In: “*As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*”. No anexo Nietzsche & Lobato , 1ªed, 2003, Ed. Inverta-Rio de Janeiro.
- ANTELO, Raul, *Uma Literatura Centáurica*, Revista Iberoamericana. Vol. LXIV, Nuims. 182-183, Enero-Junio 1998; 81-94. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (Vol. 03).
- CANDIDO, Antonio. *Radicais de Ocasão* In: www.fflch.usp.br/df/site/publicações/discurso/pdf/D09_Radicais_de_ocasiao.pdf
- CARVALHO, José Murilo de. “*História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*”, *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, pag. 126.
- CIRO FLAMARION CARDOSO, RONALDO VAINFAS. (orgs.). *Dominios da historia : ensaios de teoria e metodologia*- Rio de Janeiro: Campus, 1997
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: Entre práticas e representações*, Difel, Algés, 2002.
- CHARTIER, Roger. Pg. 13, *Cultura Escrita, Literatura e História*. Editora Artmed, Porto Alegre, 2001.
- CONSENTINO, André Tezzo. *Malazarte e a Estética Irracionalista*, Revista Letras, Curitiba, Editora UFPR, 2003.
- COSTA, Angela Marques da & SCHWARCZ, Lilia. *1890-1914: No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CRUZ COSTA, J. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio.
- DA SILVA, Divino José. *Horkheimer leitor de Nietzsche*, In: Cadernos Nietzsche 7, Pg. 41-53, 1999.
- DA SILVEIRA, Allan Valenza. *Diálogos Críticos de Nestor Vitor*, Universidade Federal do Paraná, Tese de Doutorado, 2010.

- _____. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*, Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 2005.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia. *Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche*, Alea, volume 6, número, 1 janeiro – junho 2004 p. 159-173.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A propósito do Jeca Tatu: biopolítica, vontade de poder e estética*. In: RESENDE, Haroldo de. *Michel Foucault: Transversais entre educação, filosofia e história*, Belo Horizonte, Autêntica, 2011.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *As ideias estão no lugar* In: Cadernos de Debate, no. 1, 1976, pp. 61-64.
- FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. Trecho extraído da edição Gilberto FREYRE (por Edilberto Coutinho), Rio de Janeiro, Agir, 1994.
- GIACÓIA JÚNIOR, Osvaldo. *Nietzsche*, São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. (Folha explica).
- GOMES, Angela Maria de Castro. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa*, Luso-Brazilian, Review, Volume 41, Number 1, 2004, pp. 80-106 (Article).
- HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*, New York: Twayne Publishers, Inc., 1958.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- JASMIN, Marcelo Gantus. *História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares*, RBCS Vol. 20 nº. 57 fevereiro/2005.
- JOLL, James. *O mundo da Passagem do Século*, In: História do Século XX, São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956: 105.
- _____. *Diário Íntimo*. São Paulo: Mérito, 1953.
- LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, Volumes III, IV e V, Editora Cultrix, EDUSP, 1977-1978.
- MARTON, Scarlet. *Extravagâncias, Nietzsche e a cena brasileira*, Discurso Editorial, São Paulo, 2000.
- MAIA de MELLO, Ivan. *Antropofagia Oswaldiana como Filosofia Trágica* In: Cadernos Nietzsche nº 27, Editora Discurso, São Paulo, 2007.

- MICELI, Sérgio, *Intelectuais à Brasileira*, Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892 -1939)*. Dissertação de doutoramento em cultura alemã, apresentada à faculdade de letras da Universidade do Porto.
- MONTINARI, Mazzino. *Interpretações Nazistas*, In: Cadernos Nietzsche, pg. 55-77, 1999.
- MOSCOSO, Manuel. *A justiça republicana, A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro: 09 de dez. 1909.
- OLIVEIRA, Cláudia de VELOSO, Monica Pimenta. LINS,Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930* - Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- PAIM, Antonio. *As Filosofias Nacionais*, 3ª edição, São Paulo, 2007
- PAXTON, Robert. *Anatomia do Fascismo, Raízes Culturais, Intelectuais e Emocionais*, São Paulo, Paz e Terra, 2007.
- RODRIGUES, E. *Os companheiros* – Vol. 4. Florianópolis: Insular, 1997. Pág. 167.
- ROQUE, José de Britto. *Imaginação vencida: um estudo sobre as fontes do pensamento político de Plínio Salgado (1926-1937)/ José de Britto Roque*. - Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2003.
- SALGADO, Plínio. *Obras completas - Volume 5. A quarta humanidade: 100*. 1934.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, Publicado inicialmente em Estudos CEBRAP, no. 3, 1976
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.
- WEGNER, Robert. *Religião, Cordialidade e Promessa: O catolicismo em Raízes do Brasil e Monções, de Sérgio Buarque de Holanda*, In: Acervo da Revista Arquivo Nacional, Vol. 12, número 1/2, 1999.